

humanitas



Vol. XXV-XXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXV E XXVI



COIMBRA
MCMLXXIII-IV



JANINE DÉBUT, ΔΙΔΑΣΚΩ. *Manuel à l'usage des grands débutants des lycées et universités*. Paris, Les Belles Lettres. Tome I, 1973, XVI + 453 pp., il., e 6 mapas. Tome II, 1974, 100 pp., il. e 1 mapa.

A necessidade de preparar métodos de aprendizagem das línguas para principiantes mais velhos tem-se feito sentir também nas línguas antigas. Em Inglaterra, o *Lampas* de B. R. Rees e Margaret E. Jervis (Oxford, 1970, 21972) tem tido o êxito que bem merece. Em França havia já livros como o *Manuel Pratique de Grec Ancien* de Jean Humbert (Paris, 1962) e o *Cours de Grec Ancien* de A. Lebeau e J. Métayer (Paris, 1970). Estruturado em moldes diferentes, o livro de J. Début procura conciliar as diversas finalidades que o ensino do Grego a adolescentes ou mesmo a adultos deve visar: prática da língua, formação linguística, apuramento do gosto literário, desenvolvimento do espírito crítico, via de acesso a uma cultura. Este último alvo é lembrado constantemente, quer pelo agrupamento temático dos textos, quer pelo comentário e pela rubrica intitulada «Civilisation», quer ainda através de notas esparsas. Ilustrações numerosas e de boa qualidade, e diversos mapas e esquemas contribuem para o bom enquadramento dos assuntos e para o aspecto aliciente dos dois tomos.

Naturalmente que, em matéria tão vasta, e a despeito da sólida informação e das inegáveis qualidades expositivas da A., algumas objecções poderão levantar-se, sobretudo quando toca, no tomo I, em pontos muito controversos, como a cronologia de Homero e Hesíodo (tábua da p. 14); a afirmação reiterada de que só se lia em voz alta (pp. 49 e 163), relacionada com o uso da *scriptio continua* (cf. E. G. Turner, *Athenian books in the fifth and fourth centuries B. C.*, London, 1952, p. 14, nota 4); a definição de ἀνάγκη e designadamente do fatalismo em Ésquilo (p. 85); as origens do teatro (pp. 18 e 95-96), com aceitação de uma das muitas etimologias possíveis para o nome da tragédia e caracterização dos sátiros com caudas caprinas; a atribuição de crenças órficas a Platão (p. 327); a admissão do carácter exclusivamente auditivo do ensino do citarista (p. 174), quando os historiadores da música estão de acordo com os especialistas de vasos gregos quanto à existência de notação musical desde o século VI a. C. (cf. Egert Pöhlmann, *Griechische Musikfragmente*, Nürnberg, 1960, especialmente pp. 7-11).

A parte linguística é sólida e de uma clareza exemplar. A A. conseguiu conciliar o rigor da exegese fonética e morfológica com a necessidade de ir proporcionando conhecimentos, paralelamente, da sintaxe e do vocabulário, único método próprio, como muito justamente afirma na p. XIII, «de dar ao aluno o sentimento orgânico de uma língua».

A escolha dos textos, que já no primeiro volume é sugestiva e variada, torna-se ainda mais interessante no segundo, onde aparece subordinada a quatro grandes temas: Sócrates (excertos de Xenofonte, Platão e Epicteto); História (trechos de Isócrates, Licurgo, Lísias, Xenofonte, Aristóteles, Políbio); Cenas da Vida Quotidiana (Platão, Xenofonte, Lísias, Epicteto, Isócrates); As Ciências (Estrabão, Arquímedes, Hipócrates). Dentro das limitações impostas pelo grau de adiantamento dos alunos, seria difícil oferecer maior variedade de escolha. Por outro lado, a inclusão de tre-

chos científicos, que já se vem praticando na Bélgica há anos, aparece como um complemento indispensável a uma perspetivação completa do legado cultural grego.

Outro aspecto interessante é a permanente aproximação dos temas versados com os seus reflexos ou paralelos na literatura francesa, demonstrando assim, a cada passo, a presença dos elos culturais com o passado e a permanência dos seus valores.

Exercícios numerosos e de técnicas variadas contribuem para facilitar a aquisição de vocabulário e a retenção das regras gramaticais. De louvar também a presença de questionários em grego, conduzidos de molde a levar o aluno a reler o texto com atenção e a fixar os termos e as construções nele contidos.

Em livros de finalidade didáctica e de tão boa apresentação gráfica, é de lamentar o número relativamente elevado de gralhas, sobretudo na acentuação e espíritos (e.g., no tomo I; *ei* na linha 8 da p. 40; *δμοιος* na p. 45, linha 4 a contar do fim; *τὸ πρᾶγμα*, linha 21 da p. 117; *ἄλλων* na l. 10 do texto da p. 157). De lamentar também que, em obra ilustrada com tanto cuidado, as tábuas dos ideogramas minóicos e micênicos tenham ficado não só com as legendas dos originais ingleses, mas até com a numeração que tinham, de onde resulta, por exemplo, que a Fig. 1 tenha ficado colocada umas páginas adiante da Fig. 7 (também no tomo I).

Estas pequenas correcções, entre outras que se poderiam acrescentar, pouco afectam, aliás, o valor global do livro, cujo aparecimento nos apraz saudar como um dos manuais mais completos e atraentes para o ensino da língua grega.

M. H. ROCHA PEREIRA

LEIF BERGSON, *Die Relativität der Werte im Frühwerk des Euripides*. «Studia Graeca Stockholmiensia» V. Uppsala, 1971. 117 pp.

Define o A. na *Introdução* a natureza do seu trabalho: estudar a importância dos valores da ética nobre tradicional, sintetizados na fórmula «virtudes e seu objectivo, a boa fama», para a compreensão das obras pertencentes ao período mais antigo da tragédia euripidiana. Mostra-se consciente do carácter problemático destes valores e salienta a sua intenção de não converter o seu estudo numa análise abstracta de conceitos desligados da realidade material das tragédias, cuja acção dramática pretende, fundamentalmente, esclarecer. As tragédias que o vão ocupar serão a *Medeia*, o *Hipólito*, a *Alceste* e, subsidiariamente, uma obra mais tardia, a *Hécuba*. A investigação é realizada sobre o pano de fundo das discussões sobre problemas éticos a que se entregaram os contemporâneos de Eurípides.

A análise da *Medeia*, centrada na caracterização das duas figuras principais, *Medeia* e *Jasão*, põe, de forma aguda, o problema complexo da caracterização de *Jasão*. Adere o A. à opinião de Wilamowitz, para quem *Jasão* é, na sua conduta, o representante do grego médio do seu tempo. Esta opinião é, porém, desvalorizada por um mais legítimo representante da opinião comum, o Coro da tragédia, que